



MAURICIO VIRGULINO SILVA

Carta à Arte/Educação e à Educomunicação sobre o centenário de Paulo Freire

Carta al Arte/Educación y a la Educomunicación sobre el centenario de Paulo Freire



Mauricio Virgulino Silva é Doutor (2021) e Mestre (2016) em Artes pela ECA/USP. Sua pesquisa analisa as relações e contribuições entre a Educomunicação e a Arte/Educação. É especialista em Mídias na Educação pelo MEC (2013). Licenciado em Educomunicação pela ECA/USP (2016) e radialista graduado pela Universidade São Judas Tadeu (2002). Atua como Educomunicador, Arte/Educador e Fotógrafo. Vice-presidente e Sócio-fundador da ABPEducom, colaborador do NCE/USP, docente do curso "Educomunicação: Conceitos, Práticas e Gestão" organizado pela ABPEducom (2017 e 2018), e formador do Núcleo de Educomunicação, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (desde 2018) e do projeto Educom.Saúde, da Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo (desde 2019) mauriciovirgulino@gmail.com

Carta à Arte/Educação e à Educomunicação sobre o centenário de Paulo Freire

Minha estimada relação entre Arte – Educação – Comunicação, que tempos vivemos!

Celebramos o centenário de Paulo Freire pouco depois de contar um ano e meio de luta contra a pandemia de COVID-19. Nosso contexto político, econômico e social nos apresenta diversos motivos para desistir. Como é cansativo continuar caminhando enfrentando descuidos, mentiras, desamor, egoísmos, e ânsia pelo poder e pelo dinheiro, mesmo que pessoas morram, de doença e de fome! Eu sinto como se fossem em vão todos os esforços feitos.

Confesso que é um tanto entristecedor começar uma carta nestes termos. Talvez vocês, minhas queridas Arte/Educação e Educomunicação, estejam a ponto de abandonar a leitura. Mas peço que insistam um pouco mais. Pois, ao menos para mim, esta escrita é uma escrita de cura, o que é interessante, pois cura se relaciona à saúde, ao cuidado, à escolha, manutenção e responsabilização com obras de arte, à escolha de ações e objetos. Talvez vocês anotem mais alguns significados, de todo modo, sinto que cura, como cuidado, é o elo que quero trazer nesta carta.



A celebração do centenário de Paulo Freire, além de ser uma grande festa de aniversário, tem qualidade de reafirmar o motivo de tantas pessoas, dos movimentos sociais, da educação formal e não-formal, das universidades, das associações de profissionais e pesquisadores, se inspirarem nas ideias de Paulo Freire. E como eu já disse, o contexto é desanimador, mas é justamente por isso que não temos a opção de desistir. O que nos resta, em tempos sombrios, é continuar nossa busca por uma Educação digna, de qualidade, popular, participativa e dialógica que mire a construção de uma sociedade inclusiva, equitativa e também dialógica.

Para tanto, precisamos de práticas e reflexões que reflitam essas qualidades, e que nos ajudem a trilhar o caminho de construção desta sociedade que elenquei. É, portanto, essencial destacar que as práticas e reflexões são elementos inseparáveis, formando uma práxis freiriana, porque não é possível falar sobre diálogo, se não praticamos o diálogo. Do mesmo modo não é possível escrever sobre inclusão, sobre respeito aos direitos, sobre equidade, se não vivenciamos cada um destes conceitos em nosso cotidiano.

O processo desta práxis está presente na concepção que Paulo Freire (2011) apresenta em **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** - e *em tantos outros textos!* - no entendimento de que a leitura e a escrita da palavra são apenas parte de um processo complexo de leitura e escrita do mundo, ou seja, de entendimento e transformação do mundo experienciado pelas pessoas. Seguindo a premissa *ler o mundo para compreendê-lo e escrever para transformá-lo*, é essencial considerar a diversidade, e sua conseqüente riqueza, de leituras e escritas possíveis e, portanto, exercitar o diálogo em busca de uma sociedade que remeta a uma comunidade. Neste sentido, vejo a inter-relação Arte - Educação - Comunicação, como pilares dos processos de reflexão, expressão, criação, construção, colaboração, compreensão e ação, pressupostos básicos para que uma pessoa e sua comunidade se apresentem conscientes e criadoras de suas histórias, e, por meio das múltiplas linguagens que escolham para utilizar, se vejam representadas na sociedade que participam. Por isso o ler para compreender, e o escrever para transformar, necessitam do contexto e de um ecossistema educacional estabelecido (SOARES, 2011).

Obviamente este pensamento não nasce apenas de um exercício teórico. Paulo Freire, em suas experiências como educador, atua sempre para que o pêndulo reflexão-ação se mova. Como exemplo, podemos destacar o momento que Paulo Freire, ao assumir a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, compartilha o texto **Aos que fazem da Educação conosco em São Paulo** (SÃO PAULO, 1989), afirmando que,



assim que aceitou o convite da prefeita Luiza Erundina, pensou em escrever cartas informais às pessoas que atuam na Educação, para ser mais um espaço de diálogo. Paulo Freire também imagina que as cartas não deveriam ser apenas escritas por ele, mas também por educadoras e educadores que compartilhariam suas experiências, como momento importante de formação permanente na Educação, estabelecendo um espaço de reflexão, na possibilidade das cartas serem respondidas, estudadas, discutidas.

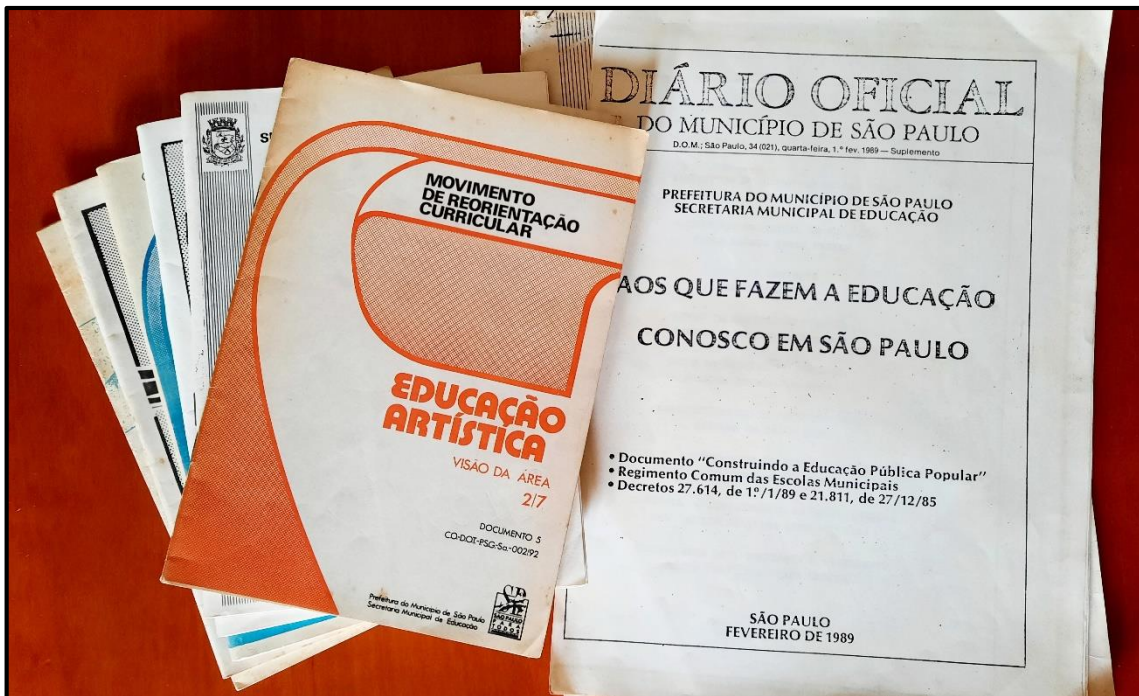
Posso destacar aqui que, antes de firmar a base das ideias que direcionaram a política pública de Educação de um município, Paulo Freire se coloca aberto ao diálogo, convidando as pessoas a participarem. Deste modo, Educação Pública Popular não é apenas um nome de efeito, mas uma práxis.

No início do texto **Construindo a Educação Pública Popular** (SÃO PAULO, 1989), que segue a carta inicial, Paulo Freire apresenta, a partir de um diagnóstico feito em dezembro de 1988, as condições precárias da educação formal, tanto na perspectiva de acesso à escola, quanto a falta de formação de condições para professores atuarem, bem como os recursos físicos/estruturais sofríveis das escolas. Algo deveria mudar. E Paulo Freire entendeu que, para a cidade de São Paulo melhorar, era necessário uma “escola bonita, voltada para a formação social crítica e para uma sociedade democrática” (SÃO PAULO, 1989, p. 5). Paulo Freire complementa que as bases de uma educação pública popular está atrelada aos interesses populares, “uma escola cuja boniteza se manifeste na possibilidade da formação do sujeito social” e que tem como elementos principais “alegria, a seriedade na apropriação e recriação de conhecimentos, da solidariedade de classe e da amorosidade, da curiosidade, da pergunta, que consideramos valores progressistas” (SÃO PAULO, 1989, p. 5, grifos do autor), em um projeto político-pedagógico emancipatório que busque valorizar professores, com organização administrativa eficiente, garanta infraestrutura adequada, que considere estudantes como participantes ativos no processo educativo, e que busca equidade racial, social, de gênero. Sendo que a escola, ou o espaço da sala de aula, não é o único espaço de aprendizado, ou seja, pensando a comunidade toda como um território educativo, sendo necessário o estabelecimento de melhores relações de comunicação, inclusive com o uso de meios de comunicação, recursos audiovisuais e de informática.

Neste documento, a Educação Pública Popular é vista como processo contínuo e pensado a longo prazo, no qual todas as pessoas envolvidas têm “papel ativo, dinâmico, experimentando novas formas de aprender, de participar, de ensinar, de



trabalhar, de brincar e de festejar” (SÃO PAULO, 1989, p.10). E a escola, pensada a partir da Educação Pública Popular, “é um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade” (SÃO PAULO, 1989, p. 8, grifos do autor), para organização popular, debate de ideias, reflexões, recriando assim a própria comunidade, como uma escola que se transforma em um “centro de pesquisa, reflexão pedagógica e experimentação de novas alternativas de um ponto de vista popular.” (SÃO PAULO, 1989, p.11, grifos do autor).



Neste documento que abriu o trabalho de Paulo Freire à frente da Secretaria Municipal de Educação da cidade de São Paulo estão a boniteza, a comunicação, a cultura popular, o compromisso com a transformação, o compromisso com estudantes, com profissionais da educação, com as comunidades, com os movimentos populares, e com o município. Em busca de uma formação que compreenda conteúdos, que são aprendidos de forma crítica, e que além de conteúdos, busca a formação de pessoas para a construção de uma sociedade que luta para garantir os direitos de todas as pessoas, e assim uma sociedade em que haja equidade. E o que buscamos nós? Exatamente isso!

Paulo Freire, e sua equipe, buscou estabelecer grupos de trabalho por áreas, para realizar o Movimento de Reorientação Curricular, com o objetivo de construir coletivamente documentos como Cadernos de Formação, Relatos de Prática de Educadores e Livros que direcionariam as ações de cada área. Por exemplo, na área de Educação Artística - *assim nomeada naquela época* - faziam parte do grupo de



trabalho pessoas como Christina Rizzi, Isabel Marques e Rosa Iavelberg, entre outras arte/educadoras.

Coerente com a inspiração freiriana, o documento **Movimento de Reorientação Curricular – Educação Artística – Visão da Área** (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 1992) apresenta que a concepção da área de Educação Artística está relacionada a articulação de experiências vivenciadas pelos educandos, no contexto em que a escola está inserida, estabelecendo o ensino de Arte como uma ação emancipatória. Para tanto, a postura metodológica indicada é a da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais, sistematizada por Ana Mae Barbosa (2010), que considera essenciais os processos de Ler, Fazer e Contextualizar, amalgamados, considerando que “o conhecimento em arte se dá na intersecção da experimentação, da codificação e da informação” (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 1992, p.10). E, neste processo, o papel do professor e da professora de Arte é de problematizar situações, trazer uma leitura crítica da Arte, propor experiências e garantir o acesso a informações, eventos e meios de comunicação, sempre de forma dialógica.

Minhas queridas Arte/Educação e Educomunicação, o motivo de apresentar aqui parte desta história, na qual temos uma política pública voltada à construção de uma educação que olha para as pessoas como seres que constroem coletivamente suas histórias e saberes, e que se entende como um processo complexo, não apenas vinculado à sala de aula, mas sim a todos os espaços comunitários, é a de reforçar que, mesmo que o contexto político e social que vivenciamos nesta comemoração do centenário de Paulo Freire tenda a nos desanimar, não podemos desanimar. E saber que já tivemos importantes passos dados na construção desta educação apresentada por Paulo Freire, nos dá referência, base, alicerce, para podermos nos reerguer.

Por este motivo que escrevo a vocês duas, porque ambas, Arte/Educação, por meio da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais, e a Educomunicação, dão respostas à nossa contemporaneidade (RIZZI; SILVA, 2017), pela urgência, exigida por nosso tempo, em desenvolver melhores ecossistemas educacionais, em uma ação crítica a partir do Ler, Fazer e Contextualizar, nesta relação entre Arte – Educação – Comunicação, pilares que imagino para esta sociedade dialógica freiriana.

Deste modo finalizo esta carta trazendo um lema caro à Educomunicação, mas que também empresto à Arte/Educação, já que a própria Ana Mae Barbosa (2004) afirma que seria importante que arte/educadores e educadores colaborassem:



Desejo que, neste centenário de Paulo Freire, nos lembremos que nossa ação é baseada em Amor e Luta, ambos no sentido freiriano (SILVA, 2018), como canta Bruna Black⁷:

Como falar de amor
Se você não se levanta pra mudar?
Falar de amor é luta, dar a mão e caminhar

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Porque e como: Arte na Educação. In: Medeiros, Maria Beatriz. (Org.). **Arte em Pesquisa: especificidades**. 1 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004, v. 2, p. 48-52.

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARIA, Aline; PEREIRA, Ariadne; MARTINIANO, Lidia; PAZIN, Márcio; FERREIRA, Nataly; SILVA, Vitória. **Amor É Luta**. Intérprete: Bruna Black. Performance. São Paulo: Sigosom, 2019. Disponível em <https://youtu.be/yCllwJaYKoo>. Acesso em 29 set. 2021.

RIZZI, Maria Christina de Souza Lima; SILVA, Mauricio da. Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo. **Revista GEARTE**, v.4, n.2, p. 220-230, mai/ago, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.22456/2357-9854.71934>. Acesso em 29 set. 2021.

SÃO PAULO (cidade). Aos que fazem a Educação conosco em São Paulo. Documento "Construindo a Educação Pública Popular". **Diário Oficial do Município**, São Paulo, 34 (021), 01 fev. 1989, Suplemento, p. 01-11.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Movimento de Reorientação Curricular – Educação Artística – Visão de Área. Documento 5 C.O. – D.O.T. - P.S.G. - Sa. 002/92 - São Paulo, 1992.**

SILVA, Mauricio Virgulino da. Educom é amor e luta, mas que amor e que luta? **Revista Unifreire**, v.6, n. 6, dez, 2018, p.105-117. Disponível em: https://www.paulofreire.org/download/pdf/Revista_Unifreire_28_12_2018.pdf. Acesso em 29 set. 2021.

SOARES. Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁷ Verso da música **Amor é Luta**. Composição: Aline Maria / Ariadne Pereira / Lidia Martiniano / Márcio Pazin / Nataly Ferreira / Vitória Silva. Interpretada por Bruna Black. Disponível em <https://youtu.be/yCllwJaYKoo>. Acesso em 29 set. 2021.